POR QUE O PIB DO 1º TRIMESTRE SURPREENDEU? E O 2º SEMESTRE?

ROBERTA POSSAMAI[1], FELIPPE SERIGATI[2]

Apesar das novas e positivas expectativas para a economia neste ano, há muitas incertezas que podem prejudicar esse desempenho. De qualquer forma, a economia brasileira está iniciando o segundo semestre com melhores perspectivas do que começou os primeiros seis meses do ano.

NO PRIMEIRO trimestre deste ano, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu 1,00% frente ao mesmo período do ano anterior. Essa expansão foi bem superior à mediana das projeções sistematizadas no boletim Focus do Banco Central do Brasil (BCB) – 0,47%. Diante desse desempenho, vale destacar que a economia brasileira voltou a operar no nível pré-pandemia, embora ainda de forma heterogênea entre os seus principais setores.

O desempenho positivo da economia no início deste ano ocorreu mesmo com o País enfrentando a segunda onda da pandemia de COVID-19, ainda mais forte do que a primeira, e sem as transferências do auxílio financeiro emergencial – que voltou a ser pago somente no segundo trimestre. Apesar disso, alguns fatores contribuíram positivamente para o PIB no período, tais como as medidas de isolamento social menos intensas e o bom momento do cenário internacional.

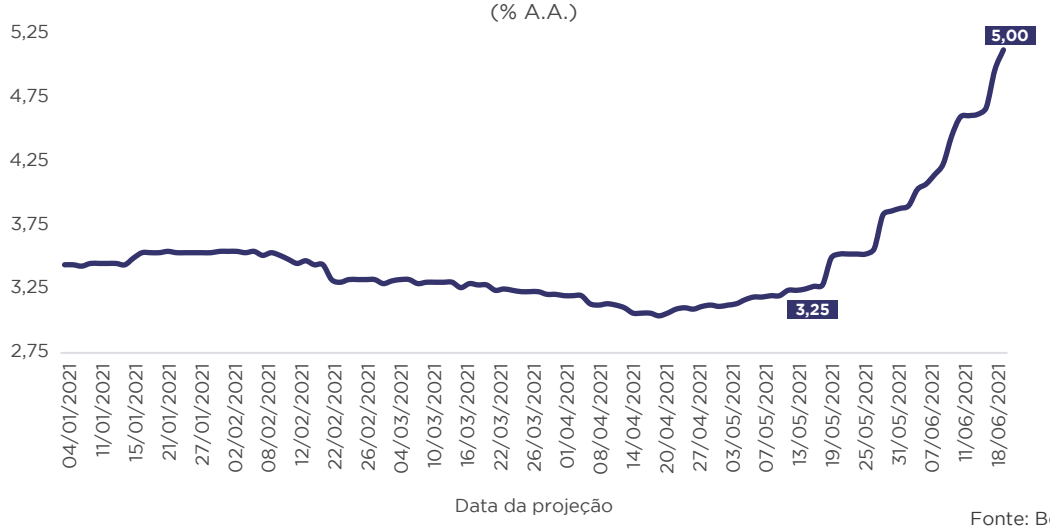
Com o PIB superando as expectativas, o mercado revisou as estimativas de crescimento da economia para o ano. De acordo com a mediana das projeções sistematizadas pelo boletim Focus (no momento em que este texto é escrito), espera-se que o PIB cresça 5,0% frente a 2020. Do lado do universo agro, essa expansão tem uma grande participação das atividades agropecuárias e deve trazer fôlegos adicionais para a agroindústria, que, por sua vez, tem se desacelerado desde fevereiro. Apesar do otimismo que esses números trouxeram, ainda há importantes incertezas e riscos que podem comprometer esse desempenho.

POR QUE O PIB SURPREENDEU AS EXPECTATIVAS MESMO COM A SEGUNDA ONDA?

No primeiro trimestre deste ano, a expansão do PIB (de 1,0%), frente ao

EVOLUÇÃO DAS EXPECTATIVAS PARA O PIB DE 2021

(% A.A.)



Fonte: Boletim Focus/BCB

mesmo período do ano anterior, foi puxada, essencialmente, pela agropecuária e pela indústria, que registraram um crescimento de, respectivamente, 5,2% e 3,0%. Diversos fatores explicam o desempenho desses setores e, consequentemente, do PIB nesse período do ano, mas pode-se destacar, principalmente, as medidas menos intensas de isolamento social e o bom momento da demanda externa por produtos brasileiros. O setor de serviços, por sua vez, registrou uma queda de 0,8% – esse setor é o mais sensível às medidas de restrição de circulação, mesmo que adotadas de forma mais suave.

Ora, a segunda onda de COVID-19, principalmente a partir de fevereiro último, atingiu fortemente o Brasil, gerando inéditos picos de casos e óbitos pela doença. Isso fez com que novas medidas de isolamento fossem adotadas, contudo o impacto sobre as atividades econômicas (sobretudo, agropecuária e indústria) foi mais suave do que o observado no início da pandemia, em 2020. Isso demonstra, possivelmente, uma maior adaptação das empresas e das pessoas ao cenário de restrição de circulação, bem como a adoção de medidas mais leves de isolamento social. Essa paralisação menos intensa da atividade econômica comparativamente ao que ocorreu no primeiro trimestre de 2020 fez com que o PIB apresentasse um pouco mais de fôlego no início deste ano.

Juntamente a isso, com o avanço da vacinação contra a COVID-19 e o maior controle da pandemia no mundo, diversas economias internacionais demonstraram, desde o início do ano, sinais de recuperação, tais como os Estados Unidos, a China e os países europeus – importantes parceiros comerciais do Brasil. Diante desse cenário, ocorreu um intenso crescimento nos preços das *commodities* agrícolas e minerais, que são relevantes produtos na pauta de exportação brasileira. Ademais, a moeda brasileira estava fortemente desvalorizada perante o dólar, favorecendo as exportações brasileiras, notadamente as de produtos da agropecuária e de bens industriais.

Como consequência, o saldo da balança comercial brasileira ficou substancialmente maior, passando de US$ 2,8 bilhões, no primeiro trimestre de 2020, para US$ 7,9 bilhões, no mesmo período deste ano – uma expansão de mais de 180%. Ou seja, o bom desempenho do comércio internacional também impactou positivamente a economia nacional nos primeiros três meses do ano.

Por fim, a expansão do PIB acima das expectativas também trouxe um alívio (ou uma menor pressão talvez) sobre as contas públicas. Com a economia mais aquecida, a arrecadação surpreendeu e o risco Brasil se reduziu. Com isso, o dólar, associado ao saldo comercial, passou a operar em patamares menores, diminuindo a pressão sobre alguns custos de produção e, também, sobre a inflação.

ESTÁ GARANTIDO O CRESCIMENTO MAIS ACELERADO DO BRASIL EM 2021?

Apesar do crescimento da economia no primeiro trimestre e da revisão das estimativas para este ano, ainda há importantes incertezas e riscos que podem comprometer a expansão do PIB no ano:

- Incertezas sobre a vacinação e o efeito de uma terceira onda da pandemia no Brasil: a despeito da expectativa de avanço da vacinação, sobretudo no segundo semestre do ano, ainda há uma certa lentidão no ritmo da imunização e dúvidas em relação ao volume de vacinas que serão disponibilizadas à população, bem como ao calendário de aplicação. E tudo isso pode prejudicar a trajetória da economia nos próximos meses. Além disso, não está descartada a possibilidade de ocorrer, no País, uma terceira onda de COVID-19, o que resultaria em novas medidas de isolamento, prejudicando-se, mais uma vez, a economia brasileira.

- Recuperação mais lenta dos serviços: para que o processo de retomada do PIB brasileiro continue, é necessário que o setor de serviços entre em uma trajetória de recuperação, e, para isso, é mandatório que a pandemia esteja controlada e que as medidas de restrição de circulação sejam flexibilizadas, uma vez que tal setor é o mais afetado por essas ações. Além disso, sem o setor de serviços, dificilmente haverá uma reação significativa do mercado de trabalho.

- Alta dos preços: a inflação operou em patamares elevados ao longo do primeiro semestre, corroendo o poder de compra da população, que ainda sofre com o elevado desemprego e a queda da renda. Na tentativa de conter a inflação, espera-se uma alta sistemática nos juros brasileiros até o final do ano – a projeção é de 6,5% a.a., de acordo com o boletim Focus –, o que deve conter a possível expansão do consumo das famílias. Ademais, o País está passando por um período de escassez hídrica, que deve encarecer ainda mais a energia elétrica, e tudo isso impacta negativamente o PIB. ■

1 Mestre em Economia Agrícola pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EESP) e pesquisadora do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro) – roberta.possamai@fgv.br

2 Doutor em Economia pela FGV-EESP, professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br